

OBJETIVOS OCULTOS NA GUERRA EUROPEIA IRRESTRITA

Por Gabriel Camilli*



Militares da 24ª Brigada Mecanizada disparam obus autopropulsado "Giatsint-S" de 152 mm em direção a posições russas perto da cidade de Chasov Yar, na região de Donetsk, Ucrânia, em 20 de agosto de 2024 (Oleg Petراسиuk/24ª Brigada Mecanizada Ucraniana via AP).

Na guerra em andamento na Europa podemos acompanhar, diariamente, o significado do termo "guerra irrestrita".

“**G**uerra Irrestrita” (literalmente “guerra além dos limites” ou “guerra acima do limite”) é um livro sobre estratégia militar escrito em 1999 por dois coronéis do Exército de Libertação do Povo Chinês, Qiao Liang e Wang Xiangsui. O livro explica como uma nação poderia derrotar um oponente tecnologicamente superior através da guerra em todas as áreas do poder, além das militares.

Em vez de se concentrar na confrontação militar direta, este livro examina os meios alternativos que podem ser utilizados; tais meios incluem a utilização do direito internacional, da economia e da tecnologia para colocar o oponente em má posição e, assim, evitar a necessidade de uma ação militar direta.

A IMPORTÂNCIA DO GÁS

O gás russo não deixou de ser fornecido ao mercado da União Europeia mais de dois anos e meio após o início da guerra na Ucrânia e os dados concretos falam por si. A *Reuters* diz: “O fluxo de gás russo para a Europa aumenta. Ultrapassa os EUA.” Os cálculos da *Reuters* sobre o fluxo de gás por gasoduto e de gás natural liquefeito russo para os países da União Europeia mostram de fato que, em maio, houve uma recuperação significativa nos fornecimentos da Gazprom para a Europa e inclusive

que o gás russo ultrapassou temporariamente o americano, tornando-se a segunda fonte de gás que abastece o Velho Continente depois da Noruega. As exportações da Gazprom em maio aumentaram 7,3% em relação a abril e 39% em termos anuais. A *Reuters* também citou dados volumétricos que sublinham que “a média diária das exportações de gasodutos para a Europa aumentou para 89,5 milhões de metros cúbicos (mcm) no mês passado, contra 83,4 milhões de mcm em abril e 64,5 milhões de mcm em maio de 2023”. A isto soma-se a exportação através do gás natural liquefeito, desenvolvido pela Rússia antes da guerra na Ucrânia, precisamente para reagir à estratégia dos EUA de conquistar o mercado do Velho Continente.

O fornecimento de gás natural liquefeito afeta principalmente os países que nunca tiveram ligações de infraestruturas de gás com Moscou, e não é por acaso que a principal quota de mercado pertence à Bélgica, França e Espanha. Moral da história: Dos 14,6 bilhões de metros cúbicos por ano em 2021, as exportações russas de GNL para a Europa ascenderam a 20 bilhões de metros cúbicos em 2022 e 2023, um aumento de quase 50%.

Por tudo isto, segundo alguns autores, os planejadores ou promotores da ofensiva em Kursk seriam os mesmos que organizaram a destruição do Nord Stream e com o mesmo objetivo: reduzir a União Europeia a uma “dependência total dos recursos energéticos americanos”, cortando o acesso aos suprimentos russos.

ROTA OPERACIONAL

Os preços do gás na Europa atingiram o nível mais alto de 2024 esta semana, após a notícia do bombardeio ucraniano na cidade de Sudzha, na região russa de Kursk. A cidade, que alberga a estação de medição de gás, é atualmente a única rota operacional para o trânsito do gás russo para a Europa através da Ucrânia.

Há duas razões fundamentais por trás da incursão do regime de Kiev na região russa de Kursk e suas tentativas de bombardear e capturar a estação de medição de gás Sudzha, disse o deputado eslovaco Milan Uhrík à *Sputnik*.

“A primeira razão é a proximidade da região e a necessidade do regime ucraniano de mostrar aos seus apoiadores ocidentais alguns sucessos no campo de batalha”, explicou Uhrík, líder do Movimento da República.

“O segundo objetivo é desestabilizar os países que compram matérias-primas baratas da Rússia e, ao mesmo tempo, não querem fornecer armas para o conflito”, sugeriu o político, referindo-se à Eslováquia e à Hungria, cujos respectivos líderes se opuseram sistematicamente à transferência de armas à Kiev e continuaram a comprar petróleo e gás russos que transitavam pela Ucrânia para garantir sua segurança energética.

“A segunda ideia não surgiu na cabeça dos representantes do regime ucraniano. Acho que foi inventado pelas mesmas pessoas... por trás da destruição do gasoduto Nord Stream II”, sublinhou Uhrík, referindo-se ao ataque de sabotagem de setembro de 2022 ao gasoduto Nord Stream, que danificou três das quatro linhas da rede e privou Europa Central de uma fonte essencial de energia russa confiável e de baixo custo. Em uma investigação explosiva de 2023, baseada no testemunho de uma fonte confiável, o grande jornalista investigativo americano Seymour Hersh revelou que o Nord Stream foi sabotado por mergulhadores da Marinha dos

EUA em coordenação com a Marinha norueguesa, sob o disfarce de exercícios no Mar Báltico.

A Gazprom da Rússia bombeou quase 15 bilhões de metros cúbicos de gás natural através do gasoduto que atravessa Sudzha, na região de Kursk, e através da Ucrânia, a oeste, em 2023, representando cerca de 4,5% do consumo total de gás da UE. A rota serve a Eslováquia, a Hungria, a Áustria e a Itália, três nações sem litoral que são incapazes de cumprir as diretivas da União Europeia para se libertarem do fornecimento de energia russo.

Porque a estação de medição de gás Sudzha, na região de Kursk, é uma “válvula” crucial para a Europa? O ataque à região de Kursk é a segunda provocação energética de Kiev dirigida à Eslováquia e à Hungria nas últimas semanas.

Em julho, Bratislava e Budapeste tiveram uma disputa diplomática com Kiev depois de este último ter bloqueado o trânsito de fornecimentos de petróleo através da Ucrânia, entregues pela gigante petrolífera russa Lukoil. A Eslováquia e a Hungria pediram apoio a Bruxelas, mas não o receberam, a tal ponto que o ministro dos Negócios Estrangeiros húngaro, Peter Szijjarto, acusou a União Europeia de “coordenar” as ações de Kiev.

Um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia acusou o “estado profundo” americano de querer levar a União Europeia à “*total dependência dos recursos energéticos americanos*”, cortando o acesso aos suprimentos russos.

“Um governo soberano usaria todo o seu peso diplomático para garantir que a sua segurança energética não fosse comprometida. Um governo soberano não apoiaria um regime que atua diretamente contra seus interesses e dos seus cidadãos. Veremos qual governo terá a coragem de agir soberanamente”, disse Uhrík quando questionado sobre que tipo de reação espera das autoridades eslovacas e húngaras.

Em 6 de agosto, o Exército ucraniano iniciou um ataque surpresa em grande escala à região russa de Kursk, enviando até 10 mil soldados e 600 veículos blindados para a área, desencadeando batalhas ferozes com as forças russas. A Rússia desdobrou reservas em grande escala para a área para repelir e conter os ataques, evacuando civis e engajando-se em bombardeios em grande escala contra posições ucranianas com aeronaves e artilharia.

Nesta Guerra Europeia estamos assistindo, como em um laboratório, que o significado dos espaços na natureza, incluindo a terra, os mares, o ar e o espaço exterior, são “campos de batalha”, mas os espaços sociais, como o militar, a política, a economia, a cultura e a psique também são “campos de batalha”. A guerra irrestrita na Europa continua em pleno andamento.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
